

O SÉCULO XIX ENTRE COMTE E MARX: DIFERENTES CONCEPÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

THE XIX CENTURY BETWEEN MARX AND COMTE: DIFFERENT CONCEPTIONS FOR EDUCATION

Carolina Fuzaro Bercho*

RESUMO

Este trabalho analisa o processo de constituição epistemológica da educação durante o século XIX, enfocando a contribuição de dois pensadores: August Comte e Karl Marx. Recorremos a uma análise conceitual da bibliografia, cujo objetivo remete-nos à compreensão de olhares distintos da sociedade europeia do período: de um lado o mantenedor da ordem e, de outro, o defensor da ruptura. Ambos classificaram que a educação pode ser compreendida como a base adaptadora da realidade social e dos indivíduos nela inseridos.

Palavras-Chave: Epistemologia da educação. Filosofia da educação. Conhecimento científico.

ABSTRACT

This paper analyzes the process of epistemological constitution of education during the nineteenth century, focusing on the contribution of two thinkers: August Comte and Karl Marx. It was used a conceptual analysis of the literature, the purpose of which brings us to an understanding about different perspectives of European society of the period: in one side the maintainer of order and in the other, the defender of rupture. Both rated that education can be understood as the adapter basis of social reality and the individuals inserted in it.

Keywords: Epistemology education. Philosophy of education. Scientific knowledge.

Introdução

O texto a seguir tem como intuito construir um ensaio de pesquisa que atenda as bases teóricas da epistemologia da Educação. Enfocaremos a investigação epistemológica que envolve as bases do conhecimento produzido pela humanidade, sua natureza e limitações. As inquietações filosóficas, através de diálogos entre pensadores, acontecem há aproximadamente dois milênios no Ocidente e os aspectos epistemológicos que envolvem a educação são objetos de estudo desde a produção de conhecimento na Grécia antiga, por exemplo.

Os questionamentos acerca da natureza ou da razão que guiam os ânimos do homem em busca das ditas “verdades”, arquitetaram as bases da ciência moderna e seu

* Licenciada e Bacharel em História pela UNESP; Mestre e Doutoranda em Educação pela UFSCar; Oficial do Magistério em História na Academia da Força Aérea. carolinafuzaro@hotmail.com

desenvolvimento possibilitou expressivos avanços na história das civilizações. Desta forma, delimitamos o século XIX como cenário onde encontramos a construção da filosofia moderna, e inseridos neste mesmo contexto, um posterior ao outro, figuras do pensamento como August Comte e Karl Marx.

Faremos uma abordagem de modo a classificar suas teorias segundo a educação, pois para vários pensadores o ato de se educar o cidadão é a única forma de se aperfeiçoar ou modificar o Estado.

Sabemos que essa classificação não é de todo satisfatória, visto que as teorias filosóficas apresentadas pretendem que a educação seja uma forma de aperfeiçoar a sociedade humana, mas algumas defendem uma mudança radical da sociedade ou na forma como o indivíduo se relaciona com esta, enquanto outras advogam em favor do aperfeiçoamento das instituições sociais já existentes (PORTO, 2006, p. 9).

A pesquisa, seja ela em Educação ou demais áreas das Ciências Humanas, delimita um olhar para o objeto de pesquisa para analisá-lo segundo as perspectivas de mundo de determinada vertente teórica. Isto acarreta certas responsabilidades acerca do conhecimento das teorias até hoje já produzidas. Consideramos ser relevante o referencial teórico que guiam as pesquisas, assim como também a base epistemológica que sustenta tais investigações.

O recurso à Epistemologia para dizer o que é Educação [...] se mostra um esforço para definir o objeto da Educação a partir de uma construção teórica que, não sendo neutra, vai influir no resultado desta busca, a ponto de tornar diferentes os objetos segundo a perspectiva teórica pela qual são vistos (NACHONICZ, 2002, p. 56).

Dessa forma, o objetivo é demonstrar que o século XIX foi palco de debates que possibilitou diferentes versões e análises da sociedade ocidental, partindo das ideias originadas na França e Inglaterra após a Revolução Industrial, conhecida como o divisor de águas do modo como a sociedade passou a se organizar materialmente.

A abordagem de Comte e Marx são exemplos de como diferentes visões contam a história de um mesmo cenário: de um lado as propostas da estabilidade do modelo proposto pelo Estado, de outro, o defensor de rupturas com o modelo vigente. Esse debate possibilitará a compreensão dos embates travados num espaço concreto de disputas, lutas e contradições: a história da produção do conhecimento no século XIX. Ficaremos a seguir com duas interpretações sociais: o positivismo e o materialismo histórico.

1 O século XIX: transformações e adequações

O século XIX compõe o período histórico que alavancou o pensamento moderno em tempos de finalização da transição gradativa de um modo de produção para outro: do feudalismo para o capitalismo. O triunfo da indústria capitalista, uma nova forma de organização do social, converge grandes massas em trabalhadores despossuídos. E o homem, antes acostumado ao tempo que a natureza lhe impunha para o trabalho, terá que se acostumar com o tempo imposto por outros homens.

A formação de uma nova divisão social do trabalho apresenta-nos o proletariado, aquele que vende sua mão de obra e a burguesia, aquela que compra a força de trabalho e possui os meios de produção. A partir daí, a sociedade entra em plano de análise como objeto de investigação e nasce a sociologia com fins práticos: observar a ordem vigente. Por outro lado, a filosofia, valioso instrumento prático que criticava a sociedade presente, vislumbra outras possibilidades de existência social.

Do ponto de vista educacional, o conhecimento elaborado neste período pode ser um meio privilegiado de emancipação, indicando sua importância no processo de transformação da sociedade e dos indivíduos, capacitando-os para determinar seu presente e preparar seu futuro.

Portanto, é importante nos remeter a observar às exposições de Condorcet (BITTAR, 2009)¹ à Constituinte francesa anos após a consolidação do Estado burguês (1791), onde propunha a igualdade entre os cidadãos, a liberdade de ensino e a valorização da cultura científica. Assim como também, remetemos a patamares de instrução inseridos em diferentes instituições educacionais: as escolas primárias, secundárias, institutos, liceus, e as universidades.

A tentativa inspirada no projeto de Condorcet foi válida, mas não efetivada (BITTAR, 2009). A princípio, passa a se cumprir uma pedagogia revolucionária, contendo os ditames classificatórios da educação contemporânea conhecidos até hoje: a instrução gratuita, laica, que teria como função formar cidadãos dedicados e munidos de sentimentos de pertencimento ao Estado. A ação de Condorcet junto à Constituinte francesa nos aparece como reflexo dos ânimos da educação que o Estado, neste momento, organizará.

¹ Menos de três anos depois da tomada da Bastilha, em 14 de julho de 1789, data oficial do triunfo da Revolução Francesa, a Assembleia Nacional, que havia sido investida de poderes constituintes, recebeu um projeto de organização geral da instrução pública elaborado pelo marquês de Condorcet (1743-1794). Seu projeto, apresentado na ocasião, era uma tradução para o campo educacional dos ideais iluministas que nortearam o processo de revolução.

Dessa forma, o Estado traz com ele todo um aparato de medidas culturais e sociais, que encontram no ambiente escolar o espaço ideal para a repercussão da sua cultura, ou seja, do ideal tipo de pensamento que será inculcado nos indivíduos. Segundo a análise sociológica da educação de Bourdieu (1996), um dos principais poderes do Estado está em produzir a mentalidade, os valores e as visões de mundo comuns por intermédio da escola:

É, sobretudo por meio da Escola que, com a generalização da educação primária durante o século XIX, exerce-se a ação unificadora do Estado na questão da cultura, elemento fundamental da construção do Estado-Nação. A criação da sociedade nacional acompanha a afirmação da possibilidade da educação universal: todos os indivíduos são iguais perante a lei, o Estado tem o dever de fazer deles cidadãos dotados dos meios culturais de exercer ativamente seus direitos civis (BOURDIEU, 1996, p. 105-106).

A educação passa por um novo momento, para legitimar-se precisará de uma base, ou seja, aquilo que incitará os sujeitos a torná-los motivados por fazer parte deste ou daquele Estado. Com este cenário, intenciona-se uma educação pública, gratuita e de qualidade.

Na Inglaterra, em finais do XVIII inicia-se um método de ensino prático e rápido: o ensino mútuo ou monitoral que consistia na instrução indireta dos mestres às turmas, onde adolescentes instruídos pelos mestres faziam o papel de ensinar outros adolescentes, supervisionando-os.

Alguns métodos, influenciados pelo pensamento iluminista, direcionaram alguns pensadores que defendiam a estabilidade do mundo feudal, numa crítica acirrada à modernidade inaugurada em 1879 com o advento da Revolução Francesa. Em contraproposta, as ideias dos conservadores basearam os primeiros estudiosos no ideal de manutenção da ordem social. Dentre eles, Simon, Durkheim e Comte que propunham rever uma série de ideias dos conservadores, procurando dar a elas uma nova roupagem, com o propósito de defender os interesses dominantes da sociedade capitalista.

2 Comte e o Positivismo

Auguste Comte nasceu em Montpellier, França, a 19 de janeiro de 1798, filho de um fiscal de impostos. Com a idade de dezesseis anos, em 1814, Comte ingressou na Escola Politécnica de Paris, fato que teria significativa influência na orientação posterior de seu pensamento. Em carta de 1842 a John Stuart Mill (1806-1873), Comte fala da

Politécnica como a primeira comunidade verdadeiramente científica, que deveria servir como modelo de toda educação superior.

Em 1816 a onda reacionária que se apoderou de toda a Europa, depois da derrota de Napoleão e da Santa Aliança, repercutiu na Escola Politécnica. Os adeptos da restauração da Casa Real dos Bourbon conseguiram o fechamento temporário da Escola, acusando-a de jacobinismo. Comte deixou a Politécnica e, apesar dos apelos insistentes da família, resolveu continuar em Paris. Teve a influência, entre outros, de autores no campo da política como Adam Smith e Jean-Baptiste Say, filósofos e historiadores como David Hume, além de Condorcet, cuja obra traça um quadro do desenvolvimento da humanidade, no qual os descobrimentos e invenções da ciência e da tecnologia desempenham papel preponderante, fazendo o homem caminhar para uma era em que a organização social e política seriam produto das luzes da razão. Essa ideia tornar-se-ia um dos pontos fundamentais da filosofia de Comte.

Sistemático e inteiramente conservador, Comte atacava os iluministas, “doutores em guilhotinas” na voraz necessidade de organizar a sociedade. Tanto que analisou a sociologia como “física social”: uma ciência social que deveria ser estudada tal qual às demais disciplinas das ciências naturais: fazendo-se uso dos métodos de observação, experimentação e comparação, cujo objetivo era o de reconciliação entre a "ordem" e o "progresso".

Segundo Comte o conhecimento se fundamentaria em três estados ou estágios, chamado por ele como a Lei dos Três Estágios. Por essa teoria o excesso de objetividade leva ao idiotismo, o excesso de subjetividade leva a loucura e o grau médio constitui a razão. Toda essa concepção teórica passa necessariamente por três estágios: teológico ou fictício, metafísico ou abstrato, positivo ou real².

Para Comte a transição de uma sociedade em crise para uma sociedade ordenada só se concretizaria através do saber. E esse conhecimento era feito de leis provadas com base nos fatos. Desse modo, é preciso encontrar as leis da sociedade se quisermos resolver as crises e prever o desenvolvimento futuro da convivência social. Para a

² Estágio teológico ou fictício corresponde à infância do homem e da humanidade. Os fenômenos são vistos como o resultado das entidades sobrenaturais. Estágio metafísico ou abstrato corresponde a juventude do homem ou da humanidade: os fenômenos são explicados como obras de essências abstratas. Estágio científico ou positivo é a maturidade do homem ou da humanidade: não busca a causa dos fenômenos, mas procura mediante o raciocínio e a observação suas leis efetivas. Neste estágio, o servidor da Humanidade reconhece a impossibilidade de obter conhecimentos absolutos e não questiona a origem ou as causas íntimas dos fenômenos. Busca apenas descobrir suas relações invariáveis de sucessão e semelhança.

sociologia, é através do raciocínio e da observação que é possível estabelecer as leis dos fenômenos sociais, como a física pode estabelecer as leis que guiam os fenômenos físicos.

A concepção de educação em Comte baseava-se na hierarquia e na autoridade do professor. A todos cabia o direito de instrução, onde primeiramente a mãe, na educação do lar, seria a responsável por transmitir os princípios morais. Defendia a educação sistemática através de conceitos de filósofos-educadores.

Na obra *Catecismo Positivista* em parte essencial da conferência, Comte sistematiza, através da fala do sacerdote, a educação no âmbito da religião positivista. Divide a educação positiva em duas partes, uma anterior à emancipação e outra posterior (21 anos). A primeira espontânea e a segunda sistemática, ambas orientadas pelo coração e pelo espírito. Divide o aprender na primeira infância e na segunda infância, período da educação espontânea. Já no período da adolescência, o ser humano já poderia ser iniciado aos estudos sistemáticos, embora com embasamento em leituras individuais, já acompanhadas pelo sacerdote (COMTE, 2006).

Na mesma obra, o autor segue a forma de um diálogo estabelecido entre o sacerdote e uma mulher. Esta opção é adotada pelo autor por considerar que um monólogo, assim como as narrativas, restringe à formulação de uma concepção, sem, no entanto, considerar o ouvinte, já o diálogo, não tendo por fim somente o raciocínio da doutrina, mas à comunicação e a transmissão desta, permitia a obra adquirir uma configuração didática e catequética dos ensinamentos do positivismo.

Apresenta-nos a ciência positiva, formulada por duas partes: uma estática que constrói a teoria da ordem e outra dinâmica, que desenvolve a doutrina do progresso. A religião considera principalmente a primeira, enquanto que a segunda a serve de complemento. Uma trata especificamente do “Grande Ser” e a outra de guiar a prática social, ambas constroem o princípio geral: o progresso e o desenvolvimento da ordem.

[...] embora Comte tenha desenvolvido um sistema de pensamento cientificista e racionalista – o Positivismo, no qual ocorre uma exposição geral da doutrina e do método científico –, não é verdade que todos aqueles que sejam cientificistas e racionalistas tenham sido discípulos de Comte e, sim, que se utilizam de procedimentos gerais de investigação e de uma maneira de interpretar os fenômenos que já haviam sido propostos 200 anos antes do nascimento desse pensador, e que fazem parte de uma herança comum do pensamento contemporâneo (CARVALHO; SILVA, 2006, p. 23).

O Positivismo também alimentou a mentalidade da sociedade brasileira de finais do século XIX, estando presente na escolha doutrinária que orientou decisões políticas da passagem do Império para a Proclamação da República. Benjamin Constant, militar do Exército brasileiro possuía uma característica diferente dos demais de mesma classe: era um científico. Lecionava matemática na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro e foi o idealizador da bandeira nacional. Não por menos, houve a escolha dos dizeres “ordem e progresso”³.

3 Karl Marx e o materialismo histórico

Karl Marx, juntamente com Engels, durante o século XIX, estruturaram os conceitos que fundamentaram o socialismo dito como científico originário da doutrina política chamada marxismo. Conhecida como uma corrente de pensamento revolucionária desenvolveu-se na teoria quanto na prática social, o que conhecemos como materialismo histórico. Nesta ideia revolucionária estava contida a necessidade de luta política entre as classes sociais e o papel revolucionário do proletariado na implantação de uma nova ordem social.

Influenciado pelas ideias de Hegel, demonstrava que pela análise científica e dialética da realidade social, as contradições históricas do capitalismo levariam, necessariamente, à sua superação por um regime igualitário e democrático que seria sua antítese. Marx propôs a concepção de mundo de maneira invertida a qual Hegel concebeu:

Se o idealismo hegeliano considera o desenvolvimento histórico como de responsabilidade de uma entidade mística, o espírito, criador do pensamento, da ideia como fator primordial na determinação da realidade do mundo, Marx, por seu lado, defende que o pensamento, a consciência e a ideia nada mais são do que resultados das condições materiais. O mundo material é anterior ao espírito, e este deriva daquele; e o movimento, elemento fundamental da matéria, existe independente da consciência (CARVALHO; SILVA, 2006, p. 23).

Para Marx, a realidade social era uma concretude histórica, ou seja, um conjunto de relações de produção que caracteriza um momento histórico:

[...] a característica central de qualquer sociedade está no modo de produção, seja primitivo, escravista, feudal ou capitalista; que varia com a História e determina as relações sociais. As formas que as

³ Para aprofundar as leituras sobre este período da Constituição do Brasil República, temos o livro de José Murilo de Carvalho: “Formação das almas: o imaginário da República no Brasil”, cuja capa figura a esposa de Benjamin Constant e suas filhas bordando à mão a primeira bandeira do Brasil Republicano.

sociedades adquiriram ao longo do tempo seriam consequência dos diferentes processos produtivos, e as transformações que levaram às mudanças sociais seriam o resultado do conflito entre interesses das diferentes classes sociais (CARVALHO; SILVA, 2006, p. 42).

O conflito entre as classes desapareceria com a instalação de uma sociedade igualitária e justa, na qual sem a participação do Estado, não há divisão social nem mesmo a exploração do trabalho humano. O trabalho humano, em sua concepção mais primitiva, nos ajudará a compreender de que forma a ação do homem no decorrer do tempo foi capaz de moldar sua cultura, seus costumes, principalmente a construção de uma economia global e, conseqüentemente, a produção material de sua existência.

Na obra *O Capital*, Marx mostra-nos que ao transformar a natureza pelo trabalho, o homem transforma-se a si mesmo, ou melhor, cria-se a si mesmo pelo trabalho, ao criar condições de sua existência histórica.

Percebe-se, com isso, que o conceito de homem histórico, à diferença do conceito de homem como mero animal racional, não se detém em sua corporeidade natural, mas inclui tudo aquilo que ele cria ao transcender a natureza. É por isso que se pode dizer que à medida que ele modifica a natureza externa, pelo trabalho, modifica sua própria natureza (MARX, [19--], p. 202).

Com isso, desde os primórdios, a relação do homem com a natureza se dá através da mútua relação de transformação. O homem, ao modificar a natureza, se modifica, produz valores, ou seja, enquanto criador e transformador, sujeito ativo de sua existência, faz-se sujeito de sua própria história:

O homem faz história, portanto, ao produzir cultura. E ele a produz como sujeito, ou seja, como detentor de vontade, como autor. A necessidade da educação se dá precisamente porque, embora autor da história pela produção da cultura, o homem ao nascer encontra-se desprovido de qualquer traço cultural. Nascido natureza pura, para fazer-se homem à altura de sua história ele precisa apropriar-se da cultura historicamente produzida. A educação como apropriação da cultura apresenta-se pois, como atualização histórico cultural (PARO, 2010, p. 25).

A educação, em linhas gerais, desde as sociedades primitivas se deu como uma forma de passagem de condutas morais e valores, antes dos mais experientes, aos mais jovens, daqueles com maior instrução aos mais ignorantes, ou seja, daqueles que compartilharam cultura humana. Não nos interessa, neste momento, fazer uma retrospectiva das ideias pedagógicas através dos tempos, mas sim, trazer à tona a essência da formação humana através do trabalho para compreendermos as relações

estabelecidas pelo homem em sociedade e para estabelecermos que tipo de educação, nas entrelinhas de Marx, abriga o homem em sua plenitude.

Dessa forma, podemos tratar o trabalho como princípio educativo, se partirmos do pressuposto de que todos os seres humanos são seres da natureza e, portanto, têm a necessidade de alimentar-se, proteger-se das intempéries e criar seus meios de vida (FRIGOTTO, 2005). Segundo Saviani (1986, p. 14 apud TUMOLO, 2003, p. 2) podemos afirmar que todo sistema educacional se afirma a partir da questão do trabalho:

[...] pois o trabalho é a base da existência humana, e os homens se caracterizam como tais na medida em que produzem sua própria existência, a partir de suas necessidades. Trabalhar é agir sobre a natureza, agir sobre a realidade, transformando-a em função dos objetivos, das necessidades humanas. A sociedade se estrutura em função da maneira pela qual se organiza o processo de produção da existência humana, o processo de trabalho.

Trabalhar, portanto, passa a ser a ponte estabelecida para angariarmos as bases materiais e intelectuais para a produção de cultura, e educar-nos. Há quem estabeleça uma distinção entre educar-se e instruir-se. A educação pode ser compreendida como a forma mais tradicional de estudos humanísticos e instrução como a aprendizagem técnica especializada. Nessa perspectiva, a instrução acabou por se constituir num dos ramos do próprio conhecimento clássico acumulado pela prática social dos homens e, por conseguinte, não é de todo apropriado estabelecer uma separação mecânica entre educação e instrução (FERREIRA JR; BITTAR, 2008). A esperança de Marx por uma nova sociedade não pode ser construída sem a presença da ação educativa.

Considerações Finais

O século XIX foi frutífero percussor de ideais filosóficos produtores de conhecimento. Nos personagens escolhidos para demonstrar diferentes vertentes de análise social encontramos as disparidades:

Comte, o conservador. Constrói as teorias almejando a continuidade de um tipo de educação ideal, a manutenção da ordem que imperava no século XIX e a continuidade do progresso científico. Para dotar os cidadãos de preceitos morais, utiliza da mãe como primeira educadora, geradora de dogmas. Não há questionamentos em relação a ordem vigente e nem sequer um olhar para as desigualdades produzidas por ela. No positivismo, não há levantamentos e críticas diante de um objeto de pesquisa, apenas o retratam com os olhos de quem o aprecia. Na história, a versão positivista é contada através dos grandes mitos e heróis da humanidade em forma de narrativas.

Marx, o defensor da ruptura. Aquele que olha para a sociedade em que vive e analisa as transformações ocorridas através de sua existência material. A mudança do modo de produção que movimentou a sociedade do século XIX acarretou desigualdades, exploração e a inquietação de filósofos da época diante dessa realidade. Através do materialismo histórico, Marx explica que a história, em qualquer época, sempre se tratou da história de uma luta de classes.

Para a educação, embora Marx não tenha produzido nenhum tratado específico, fica nítida a visão do pensador: o trabalho modificou o homem à medida que ele mesmo modificou a natureza e, a partir daí, produziu cultura. E educar-se é apropriar-se da cultura já produzida pela humanidade. O ideal de educação seria aquele mantido também pelo trabalho, mas com a parceria da instrução, das letras, das humanidades presente na vida do homem. A aliança entre o intelecto e a técnica criaria o homem consciente de sua própria condição e completo, na sua omnilateralidade.

Comte e Marx se localizam em polos distintos em suas concepções. Personagens que exploraram o conhecimento em benefício ou não da ordem vigente. No entanto, um após o outro, convieram em um mesmo cenário europeu repleto de contradições. Um escolheu não se preocupar com as contradições existentes e manter a ordem de que fazia parte. Já para o outro, havia a necessidade de gritar aos quatro ventos a realidade, abrir os olhos dos oprimidos, avisar ao mundo que existem aqueles que lutam por melhores condições de vida e trabalho e que utilizam a vida como missão filosófica.

Referências

BITTAR, Marisa. **História da educação:** da antiguidade à época contemporânea. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

CARVALHO, Alonso Bezerra; SILVA, Wilton Carlos Lima da. (orgs) **Sociologia e educação:** leituras e interpretações. São Paulo: Avercamp, 2006.

COMTE, August. Catecismo positivista. São Paulo: Abril Cultural, 2006. (Coleção Os Pensadores).

FERREIRA JR, Amarílio; BITTAR, Marisa. A Educação na perspectiva marxista: uma abordagem baseada em Marx e Gramsci. **Interface: Comunicação, Saúde e Educação**, v. 12, n. 26 jul./set. 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, jan./abr. 2009.

_____. **Ensino Médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [19--]. Livro I.

NACHONICZ, Lilian Anna. A epistemologia da educação. **Revista Educar**, Curitiba, n. 19, 2002.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação**. São Paulo: Cortez, 2010.

PORTO, Leonardo Sartore. **Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1986.

TUMOLO, Paulo Sérgio. O significado do trabalho no capitalismo e o trabalho como princípio educativo: ensaio de análise crítica. **Trabalho Necessário – Revista Eletrônica**, NEDA/UFF, ano 1, n. 1, 2003.